

# Marxismo e socialismo no século 21

**RESENHAS**

Andréia Galvão *et al* (org.),  
São Paulo-Campinas, Editora Xamã/ IFCH-Unicamp,  
2005, 248 p.

CARLOS ZACARIAS F. DE SENA JÚNIOR\*

Crítica-se comumente a falta de relações da academia com a realidade das ruas e os movimentos sociais. De fato não são poucos os espaços acadêmicos e os cursos de graduação e pós-graduação em que predominam correntes teórico-políticas vinculadas à chamada pós-modernidade ou a uma suposta “nova esquerda” acadêmica. Estas, quando não são claramente respostas conservadoras ou mesmo reacionárias ao engajamento dos anos 70 e a desilusão da esquerda de fins dos 80, apresentam-se como espaços do subjetivismo extremado, do irracionalismo pleno e de tudo aquilo que signifique o alheamento da realidade, porque negação da existência mesma dessa instância objetiva e objetivada da natureza e do ser social.

Se olharmos para as transformações ocorridas no planeta no último sé-

culo (e o que dizem deles os “estudiosos”), sua aparência pode nos levar a acreditar no que parece ser o triunfo óbvio do capitalismo. De maneira que quando do surgimento, na academia, de espaços dedicados à reflexão crítica da realidade e, mais de que isso, de atração de uma intelectualidade contemporânea que, vinculada aos centros de produção de pensamento, pretende estreitar cada vez mais os laços do pensamento e da ação, da teoria e da práxis, em busca da raiz dos problemas, este fato merece toda a atenção dos movimentos sociais e dos partidos políticos. E já que estamos falando daqueles intelectuais, militantes partidários ou não, para os quais a décima primeira tese sobre Feuerbach continua mais atual do que nunca, devemos dizê-lo que o movimento aqui, mais do que simples nega-

\* Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus II, Alagoinhas.

ção do que fazem os ideólogos da academia, é superação (*aufhebung*) no sentido marxiano da palavra.

É justamente a propósito do sentimento de uma tarefa ainda pendente, a transformação socialista do mundo, que o Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) da UNICAMP se dedica a organizar, desde 1999, o Colóquio Marx e Engels. O sucesso deste evento é tamanho que o transformou em internacional em 2005, ao que pode o resenhista dizer, que o Colóquio Marx e Engels tornou-se ponto de referência para os marxistas do Brasil, quiçá de outras partes do mundo, e um importante termômetro que demonstra o quão vivas estão as lutas pela emancipação da humanidade.

Foi por ocasião da realização do III Colóquio Marx e Engels, que teve como tema *Marxismo e Socialismo no século 21*, que a equipe do Cemarx reuniu numa coletânea parte dos textos apresentados às principais mesas do Colóquio. A propósito dos 15 artigos, que infelizmente não poderão ser abordados aqui individualmente e em profundidade, pode-se concluir pela liberdade e diversidade de pontos de vista com que os temas foram abordados pelos autores. De maneira que o leitor, ao se debruçar sobre as páginas deste livro, encontrará indicações precisas e bastante elucidativas dos atuais debates que permeiam a academia e o mundo do trabalho e mesmo aqueles autores que optaram por não polemizar abertamente ou remeteram os principais entreveros para seus próprios livros ou

para outras ocasiões, não se furtaram a defender posições que implicam em escolhas estratégicas para o futuro.

Tome-se como exemplo as posições diferenciadas sobre a educação socialista em Décio Saes e Dermeval Saviani, com o primeiro enfatizando o aspecto ideológico da educação formal enquanto paradoxo insuperável no capitalismo e a impossibilidade do fim da especialização profissional sob o socialismo e o segundo apontando o caráter contraditório da educação sob o capitalismo e defendendo a politecnicidade na formação socialista como maneira de superar a contradição entre o homem e o trabalho; ou a posição de Benedito Moraes Neto que sugere que o taylorismo-fordismo é um “desvio mediocrizante do capitalismo” quanto ao desenvolvimento das forças-produtivas e que a atual aplicação da ciência sob o capitalismo significaria “um grande salto conceitual em direção ao passado”, ajustando o capitalismo ao que Marx havia previsto. Como se pode ver, tal posição é defendida contra boa parte dos autores que trabalharam com o tema das forças produtivas, como Ruy Braga, que aponta a operação ideológica montada pela “Escola Cognitivista” que sugere a superação da sociedade industrial e o advento da “civilização terciária” na “era da informação”; ou Nilson Araújo de Souza que reafirma a estagnação das forças produtivas no capitalismo contemporâneo e a saída imperialista como absolutamente presente nas tentativas de superação da crise.

Sobre o imperialismo, há o texto de Gérard Dumenil e Dominique Lévy, que apontam o recrudescimento da violência no mundo como fator de afirmação da ordem do capital que, para continuar existindo, necessita financiar o crescente déficit norte-americano à custa de guerras, espólio e financeirização das economias do planeta. Concluem os autores: "É preciso identificar, por trás desses mecanismos, uma gigantesca luta de classes e de poder. A saída será política, portanto". Prosseguindo a discussão sobre imperialismo, Jorge Miglioli percorre as principais teses marxistas do início do século XX para afirmar a permanência do imperialismo, da exploração e da dominação nos dias de hoje, e rebater a posição de Negri e Hardt, expostas em seu famoso livro "Império".

Ainda no terreno das opções do capitalismo contemporâneo que busca desesperadamente superar a crise de estagnação e de superprodução em que se encontra, há o artigo de Virgínia Fontes que discute o aprofundamento da subsunção real do trabalho ao capital na época contemporânea. Utilizando-se da noção gramsciana de "Estado ampliado" e sugerindo a "seletividade" dessa ampliação, a autora se interroga sobre o aparente paradoxo do "recuo dos laços formais de emprego" originando as "mais significativas modalidades de subordinação do trabalho ao capital" e conclui que a manutenção do Estado capitalista implica, nos dias atuais, na realização plena da máxima lampedusiana. Em suas próprias palavras: "Isso signi-

fica que também o Estado se modifica – para manter-se o Estado capitalista, ou o Estado do capital, por excelência". Contra todo esse "pessimismo da inteligência", há o texto de Sérgio Lessa "Comunismo: do que se trata?", que nos lembra, vigorosamente, que a humanidade já desenvolveu todas as condições necessárias para superar o reino da necessidade e que "Não há nada, rigorosamente nada, que não seja um processo".

E se tudo é processo e o político tem a primazia, não poderíamos concluir esta resenha sem discutir as premissas essenciais das escolhas teórico-estratégicas de alguns autores. Ou, como nos adverte Marcos Del Roio no seu texto sobre a Refundação Comunista italiana, não convém deixar na sombra o "problema da herança". A propósito do tema da transição, está clara a polêmica aberta entre as proposições de Luciano Martorano e Hector Benoit, com o primeiro reivindicando os legados de Bukharin, Althusser e Poulantzas para confrontar as posições defendidas pelo segundo, que prefere a herança de Trotsky. Para Martorano, que foca Benoit para atingir o programa trotskista da transição (e vice-versa), haveria nas teses do revolucionário russo um suposto "negligenciamento" de uma "teoria marxista da transição", o que obscureceria "a relação entre fatores objetivos e subjetivos na emergência e na evolução da crise revolucionária", ocasionando o "superdimensionamento do papel do programa". Para este

autor seria necessária a distinção teórica entre revolução e transição, de maneira que se deduziria a necessidade de formulação de dois programas pelos marxistas, o “programa mínimo” e o “programa máximo”. Por seu turno Hector Benoit afirma de que o problema central do programa marxista não diria respeito à necessidade de se pensar o novo, mas de se refletir sobre o esquecimento do antigo. Para este autor seria na “dialética da transição” que estaria a chave para se compreender a tática transicional dos comunistas, que levaria a classe trabalhadora das lutas defensivas à tomada do poder. Benoit conclui que a estratégia da transição significaria o lançamento de uma ponte entre um momento e outro, transformando o que seria um programa “mínimo” em algo impossível de se realizar sob o capitalismo, portanto um programa socialista em essência.

Ainda no campo do marxismo de Trotsky, o historiador Valério Arcary abordou um dos temas tangencialmente referidos pelos participantes do Colóquio. Com efeito, a mais de um ano da “crise do mensalão” e do fim das últimas ilusões e esperanças que os “marxistas” poderiam ainda ter no governo Lula, os caminhos pareciam ainda demasiado obscuros para uma parte da esquerda., de maneira que Arcary evocou a analogia da situação brasileira do PT com os casos alemão e russo do início do século XX, concluindo que a questão teórica de fundo se referia à “teoria dos campos progressivos”, que fa-

zia com que, para uma parte dos marxistas, a “estratégia da legalidade” aparescesse sempre como um alibi para a “adaptação à legalidade burguesa”.

É por essas e muitas outras questões que podemos afirmar que o Colóquio Marx e Engels veio para ficar e que sua quinta edição, programada para 2007, deverá superar o sucesso do evento anterior. Não porque se pretenda que a utopia seja transformada em espetáculo, como propõe o texto de Marcelo Ridenti, mas porque se exige a utopia como a realização do devir ou, como diz Wolfgang Leo Maar como um “desvencilhar-se das amarras que obstruem a efetivação dos fins humanos na situação vigente”.

É por isso que quando da indagação apresentada pelos organizadores que perguntavam ao leitor se assumiram “um risco necessário e calculado” ou se estariam agindo “de modo aventureiro”, responderíamos que a existência do Colóquio só reforça aquilo que uma parte da classe trabalhadora do planeta volta a manifestar dia-a-dia: que a transformação socialista do mundo continua sendo a principal tarefa do presente.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. de. *Marxismo e Socialismo no Século XXI*. Resenha de: GALVÃO, Andréia et all (org.). São Paulo-Campinas: Editora Xamã/IFCH Campinas, 2005, 248 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.23, 2006, p.163-166.

***Palavras-chave:*** Marxismo; Socialismo; Século XXI.